

FELICITAS IULIA OLISIPO

e as estruturas de povoamento

CRISTINA NOZES

Coordenação Científica



LISBOA
ROMANA —
FELICITAS IULIA OLISIPO

o **Ager Olisiponensis**
e as estruturas de povoamento

GUILHERME CARDOSO
CRISTINA NOZES

Coordenação Científica

ALEXANDRE GONÇALVES
AMÍLCAR GUERRA
ANTÓNIA COELHO-SOARES
CARLOS TAVARES DA SILVA
CRISTINA NOZES
ELISA DE SOUSA
GISELA ENCARNAÇÃO
GUILHERME CARDOSO
HENRIQUES MENDES
ISABEL LUNA
JOÃO LUÍS CARDOSO
JOÃO PIMENTA
JOAQUINA SOARES
JORGE LOPES
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO
LUÍSA BATALHA
MARIA DA CONCEIÇÃO ANDRÉ
MARIA TERESA CAETANO
NELSON J. ALMEIDA
SEVERINO RODRIGUES
SUSANA DUARTE
TERESA RITA PEREIRA
VANESSA DIAS

Sumário

7	Apresentação	90	Moinho do Castelinho e a época romano-republicana na Amadora Estruturas, materiais e subsistência NELSON J. ALMEIDA VANESSA DIAS GISELA ENCARNÇÃO
8	Nota Introdutória	102	As villæ de Cascais O povoamento romano GUILHERME CARDOSO JOSÉ D'ENCARNÇÃO
11	O <i>ager olisiponensis</i> e as estruturas de povoamento GUILHERME CARDOSO CRISTINA NOZES	110	Vestígios de habitações da Antiguidade Tardia em Cascais GUILHERME CARDOSO SEVERINO RODRIGUES LUÍSA BATALHA
17	O povoamento na área do <i>ager olisiponensis</i> em época pré-romana ELISA DE SOUSA	117	O povoamento romano do concelho de Oeiras Antecedentes, economia e sociedade (séculos I a.C. – V d.C.) JOÃO LUÍS CARDOSO MARIA DA CONCEIÇÃO ANDRÉ
30	Vestígios romanos no território de Torres Vedras ISABEL LUNA GUILHERME CARDOSO	128	O <i>ager</i> de Olisipo no espaço do atual concelho de Lisboa GUILHERME CARDOSO CRISTINA NOZES
38	Vestígios romanos no território de Arruda dos Vinhos JORGE LOPES GUILHERME CARDOSO	134	Ocupação do período romano Republicano dos setores ocidentais do Castro de Chibanes (Palmela): Um balanço CARLOS TAVARES DA SILVA JOAQUINA SOARES JOÃO PIMENTA SUSANA DUARTE ANTÓNIA COELHO-SOARES TERESA RITA PEREIRA
42	De Olisipo a Scallabis O Povoamento Romano do Baixo Tejo e sua articulação com o núcleo de <i>Ierabriga</i> JOÃO PIMENTA HENRIQUE MENDES	150	Referências
55	Mosaicos da villa romana de Frielas MARIA TERESA CAETANO	165	Lista de Autores
66	A região de Sintra durante a Romanidade A zona ocidental dos <i>agri</i> do Município Olisiponense ALEXANDRE GONÇALVES		
80	Aqueduto romano de Olisipo na Amadora A história de um monumento em vias de classificação GISELA ENCARNÇÃO VANESSA DIAS		

O *ager olisiponensis* e as estruturas de povoamento

GUILHERME CARDOSO
CRISTINA NOZES

As poucas referências históricas ao *ager Olisiponensis*, existentes em textos de autores latinos do período romano, têm sido colmatadas ao longo dos séculos por diversos investigadores através da epigrafia e dos estudos arqueológicos efetuados no seu território. Os dados que ora se publicam neste volume, relativos à forma de ocupação e exploração do território rural administrado pela *civitas* de *Olisipo*, só foram possíveis graças a um conjunto de novos estudos realizados por uma vasta equipa de arqueólogos que há longos anos trabalha localmente nos concelhos que, em período Romano, faziam parte do *Municipium Felicitas Iulia Olisipo*.

Felicitas Iulia Olisipo

Era o município mais a ocidente de Roma, capital do Império, longe do *limes* romano. Gozava, por isso mesmo, de uma grande paz desde os finais da República.

Olisipo, como cidade portuária junto à foz do rio Tejo, com ligações fluviais e marítimas a outras cidades da *Lusitania* e do Império, detinha desde a época da Proto-História uma grande importância estratégica.

Segundo Cardim Ribeiro (1994, p. 77), existiria um *conventus civium Romanorum*, em *Olisipo*, já na segunda metade do século II a.C., tendo sido promovida a *oppidum civium Romanorum* em meados do século

I a.C., ou mesmo um pouco antes, e elevada a *municipium* com Octaviano, sendo-lhe então atribuído um território.

O território da *civitas* de *Olisipo* era delimitado a ocidente pelo Oceano Atlântico. Tinha fronteiras terrestres na margem direita do rio Tejo com as *civitates* de *Eburobrittium*, a norte, e *Scallabis*, a nordeste. Estendia-se para a margem esquerda do rio Tejo onde, segundo Jorge Alarcão, confinava com *Arabriga* (Alarcão, 2002, p. 45), a sudeste, e *Cætobriga*, a sul.

Este vasto território foi ocupado, de forma mais ou menos densa, em função da riqueza dos seus recursos naturais, por diferentes tipos de estruturas de povoamento na

esfera de *Olisipo*, capital da *civitas* e centro administrativo.

As estruturas de povoamento do *ager olisiponensis* Os aglomerados populacionais: *Castella* e *vici*

Os *castella* e *vici* são conceitos romanos, atestados nas fontes clássicas. Entende-se o *vicus* como um aglomerado rural, um espaço urbanizado, na dependência da capital da *civitas*. O *castellum*, também na qualidade de aglomerado secundário, é preferencialmente encarado como um sítio, geralmente amuralhado, implantado numa zona alta.

No território administrativo de *Olisipo* só foram citados os nomes de duas localidades em época romana. Encontravam-se junto a duas das estradas viárias, uma a Norte e outra a Sul do rio Tejo.

No extremo norte da estrada que ia para *Emerita Augusta* por *Scallabis* está indicada, no Itinerário de Antonino, *Ierabriga*. A existência de um acampamento militar no Monte dos Castelinhos, criado durante os inícios do século I a.C. e que perdurou até à segunda metade do século I d.C., levanta a hipótese de estarmos perante um *castella*, como indica o topónimo *briga*, característico da língua celta, que quer dizer outeiro ou castro (povoado fortificado). Tudo leva a concluir que quando o acampamento foi abandonado no século I d.C., a população fixou-se numa zona mais baixa, com melhores condições para viver e onde hoje existe um elevado número de vestígios de época romana.

Não se sabe ainda que tipo de estação viária é que indicava o Itinerário para aquele ponto, mas pelo tipo de povoamento concentrado na zona e a qualidade dos achados, bem como a estrutura de silhares de grande qualidade identificada na zona de Paredes, a sul de Alenquer, que deve ter servido de

barragem para abastecer de água a povoação de *Ierabriga*, tudo aponta para que se trate de um *vicus* dependente de *Olisipo*.

Por sua vez, na via para *Emerita Augusta* que ficava a sul do rio do Tejo, o Itinerário de Antonino indica uma outra estação viária em *Aquabona*, que seguia dali para *Cætobriga* (Setúbal). É consensual que *Aquabona* se localizaria na atual Coia, nas margens do rio do mesmo nome e onde a partir do século XIV existem referências a salinas e no século XVIII se estabelecem algumas indústrias. Contudo, a ausência de vestígios romanos na zona, constatada até ao presente momento, sugere estarmos na presença de uma simples estação de muda de animais de tiro e uma estalagem a meio caminho do percurso, pois a distância indicada entre *Aquabona* e *Olisipo* ou *Cætobriga* é a mesma, XII milhas.

Para além destes dois nomes considera-se, ainda, que a *Chretina* ou *Aretina*, referida por Ptolomeu, localizava-se na área do *ager Olisiponensis*, ou em Faião, Sintra, segundo Cardim Ribeiro (1982-1983, p. 160-161), que defende a existência de um *vicus* ou de um *pagus marmorarius* no local (2013, p. 358-362), ou em Torres Vedras, segundo Vasco Mantas (2018, p. 23 e 24), contudo, e até ao momento, não há dados que confirmem ou desmintam estas propostas. Também não é de descartar a hipótese do Castro de Chibanes, no concelho de Palmela, ter correspondido à *Cæpiana* referida pelo mesmo geógrafo grego, como veremos no capítulo correspondente.

O povoamento rural disperso: *villæ*, granjas e casais

Nos capítulos seguintes deste volume, tornar-se-á mais do que evidente que a maioria dos sítios romanos existentes no *ager* eram as *villæ rusticæ*, um modelo caracteristicamente romano de ocupação e exploração do território rural, que constituía uma unidade

de produção agropecuária autossuficiente e capaz de gerar excedentes. Mas existiram também as granjas e os casais e teremos de considerar, ainda, a presença de outros aglomerados populacionais, elementos aglutinadores destas realidades dispersas de menor dimensão, de que a própria *villa* de Freiria, em Cascais, é um exemplo. De facto, em determinado período da sua existência, tudo indica que terá evoluído para um outro modelo de povoamento pois só assim se pode compreender a existência de dois edifícios termais, de uma padaria e de um celeiro de grandes dimensões, o maior da Hispânia romana identificado até ao presente.

Os autores clássicos consideravam a *villa rustica* como um estabelecimento com uma estrutura tripartida e núcleos funcionais distintos: a *pars urbana*, a *pars fructuaria* e a *pars rustica*.

Na *pars urbana* localizava-se a habitação do *dominus* (proprietário), com instalações de grande qualidade e várias divisões, designadamente espaços de ócio, quartos, escritório, cozinha, sala de jantar (*triclinium*) e as termas ou balneário.

A *pars fructuaria* era ocupada pelas áreas de produção e de transformação, pelos armazéns e pela habitação do caseiro (*vilicus*), um escravo da confiança do proprietário que zelava pela propriedade, controlava os serviços e fiscalizava os bens à sua guarda. Era ajudado pela mulher (a *vilica*) que estendia as funções de zelo à casa senhorial.

Na *pars rustica* situavam-se as instalações dos trabalhadores da *villa*, servos do *dominus*.

Em alguns casos, quando o proprietário não vivia na *villa*, a administração da propriedade era delegada num feitor que teria a sua habitação numa zona onde lhe fosse possível controlar toda a propriedade e os trabalhos ali realizados.

Quando os romanos se estabeleceram no *ager*, com a criação de *villae rusticae*, já existiam alguns sítios com ocupação

pré-romana. São os casos da *villa* de Leião, em Oeiras; das *villae* de Freiria, Miroiços de Manique, Caparide e Vilarés, em Cascais; do sítio do Casal de São Marcos, em Sintra; e de Almoínhas, em Loures.

Não se sabe ao certo como foi feita a distribuição das propriedades do *ager* e qual a dimensão que teriam. Num estudo realizado na zona norte e oeste de *Olisipo*, em que se definiram hipotéticos territórios de exploração de *villae* através da análise de distâncias a percorrer em 15 minutos de raio, obteve-se para a propriedade rústica (*fundus*) dimensões máximas de 328 hectares, o caso da *villa* de Casal do Clérigo, e mínimas de 88 hectares, o caso da *villa* de Miroiços da Malveira, dando a média 208 hectares (Cardoso, 2018a, p. 50-59), valor muito próximo do salto (*saltus*) que era de 201,9 hectares, ou seja 800 jeiras (Cardoso & Encarnação, 1999, p. 391 e 392).

Mais problemáticas de reconhecer são as granjas, propriedades mais pequenas que as *villae rusticae* e de tamanho superior aos casais, médias explorações com moradia própria cujo proprietário poderia recorrer a mão de obra sazonal embora esta fosse, essencialmente, assegurada pelos elementos da família nuclear.

Dos casais, por sua vez, existem indícios visíveis dispersos por toda a zona do *ager*, nomeadamente achados de superfície, contudo nenhum destes sítios identificados foi, até ao momento, escavado arqueologicamente e, por conseguinte, ao contrário do que acontece para as *villae rusticae*, nestes casos não dispomos de informação que permita uma melhor caracterização que não seja a de se tratarem de pequenas explorações agrícolas de carácter unifamiliar, cuja moradia poderia, até, ser deslocalizada da propriedade e situar-se num aglomerado populacional próximo.

Para além das atividades ligadas à agropecuária e associadas às grandes e pequenas explorações agrícolas que, em alguns casos, também detinham pequenas manufaturas como complemento económico,

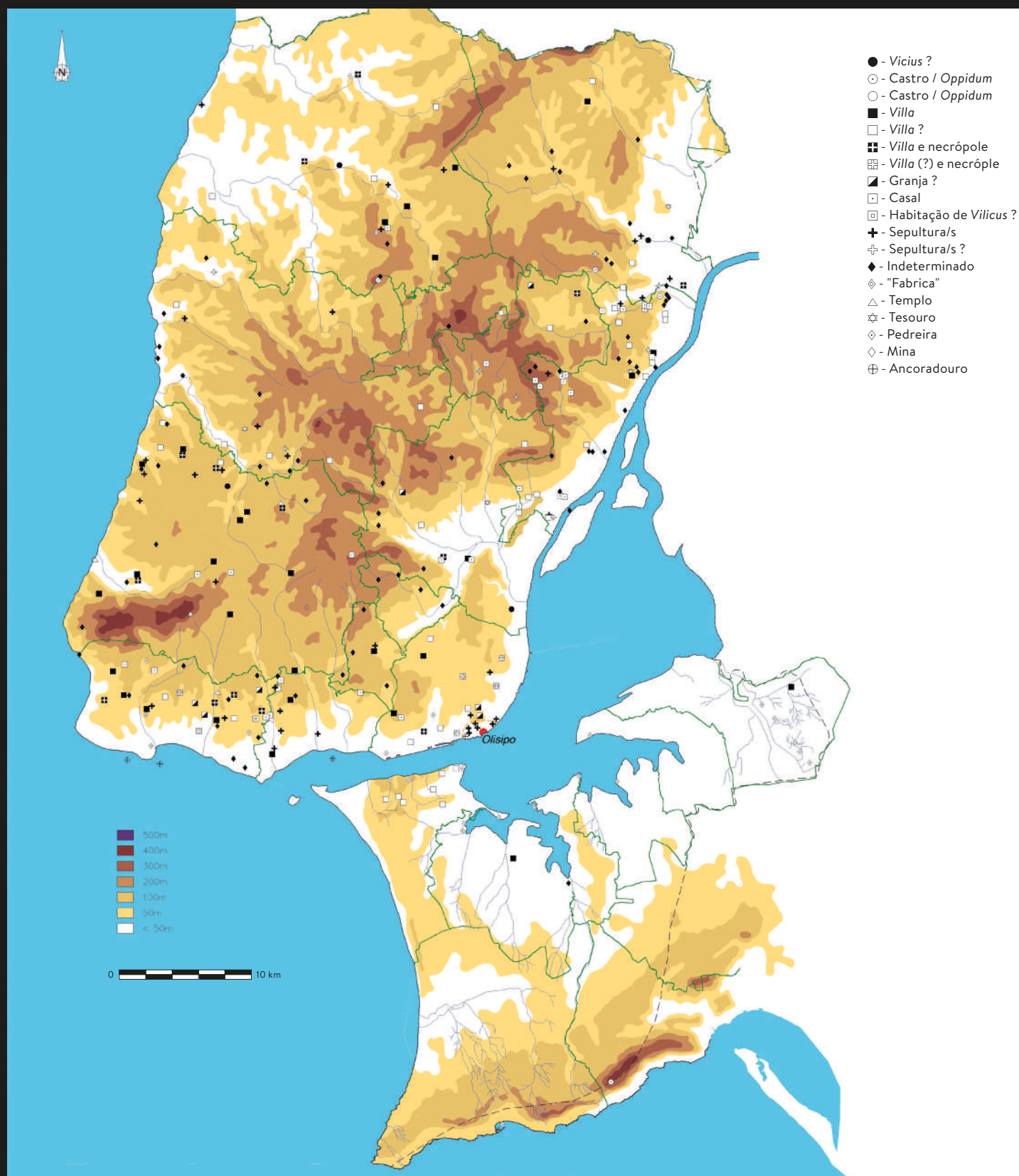


FIG. 1
 Distribuição dos sítios romanos no *ager Olisiponensis*
 (levantamento de Guilherme Cardoso; topografia José António Oliveira).

O mapa anexo mostra a distribuição dos sítios romanos no *ager Olisiponensis* (levantamento de Guilherme Cardoso; topografia José António Oliveira), assimétrica, com zonas de maior concentração. Um dos conjuntos que salta à vista está localizado nas 10-14 milhas, na zona entre as *villæ* de Leão e de Caparide.

A noroeste de *Olisipo* existe outra concentração nas 18-22 milhas, na área a sul e a norte da ribeira de Cheleiros. Para norte temos a concentração envolvente de *Ierabriga*, entre as 21-28 milhas, com uma vertebralidade entre Vila Franca de Xira, na parte meridional, e Alenquer, a norte. Verifica-se outra concentração entre as 27-31 milhas, que vai de Dois Portos a Torres Vedras, mas bastante inferior às referidas anteriormente. Na margem esquerda do rio Tejo, observa-se uma pequena concentração entre as 2-7 milhas, entre Cacilhas e a Caparica, que estará certamente ligada a dois locais de passagem do Tejo, em Cacilhas e Porto Brandão.

Da análise do levantamento pode-se concluir que o *ager Olisiponensis* não foi ocupado todo do mesmo modo, havendo nitidamente maiores concentrações em determinadas regiões que deveriam estar ligadas entre si por centros aglutinadores.

como a produção de tecidos atestada na *villa* de Freiria, em Cascais, por exemplo, o *ager Olisiponensis* foi também ocupado por outras unidades de produção e extração. O conhecimento que se tem é que estiveram fundamentalmente relacionadas com a produção de derivados piscícolas, designadamente as unidades de preparados de peixe identificadas em Cacilhas, Porto Brandão (Almada), na Casa do Governador (Lisboa) e em Cascais; com a produção oleira, bem patente através das escavações arqueológicas realizadas na *figlina* da Quinta do Rouxinol, no Seixal, ou em Porto dos Cacos e outras entretanto identificadas nas margens da ribeira de Malpique, a nascente de Alcochete; com a produção de sal marinho, de que temos indícios nas margens do Tejo e provavelmente nas do rio Trancão, na várzea de Loures; e com a exploração e transformação de rocha e de minérios, bem atestadas sobretudo nos concelhos de Cascais e Sintra.